

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Mata Atlântica

Data: 02/04/94 Pg.: 25

Livro registra pesquisa de cientista na Mata Atlântica

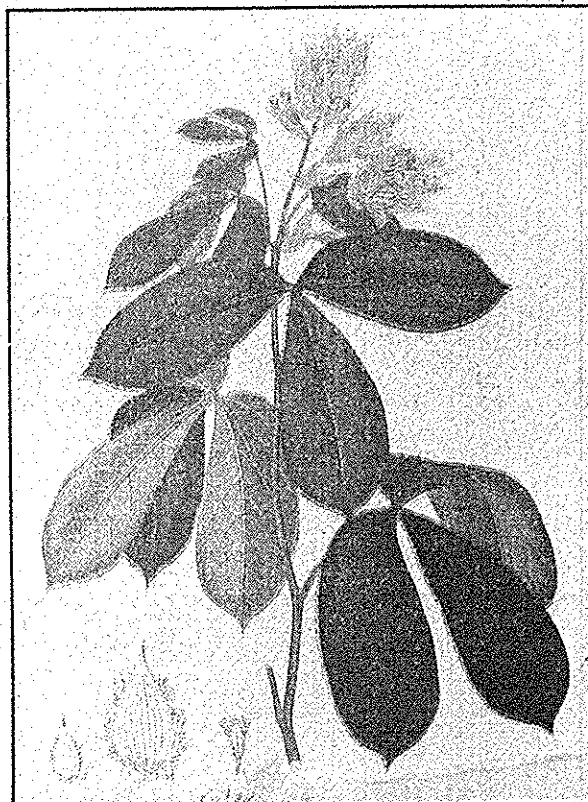
■ Viagens de Pohl são editadas no 'Plantarum Brasiliae' com estampas do século passado

KRISTINA MICHAELLES

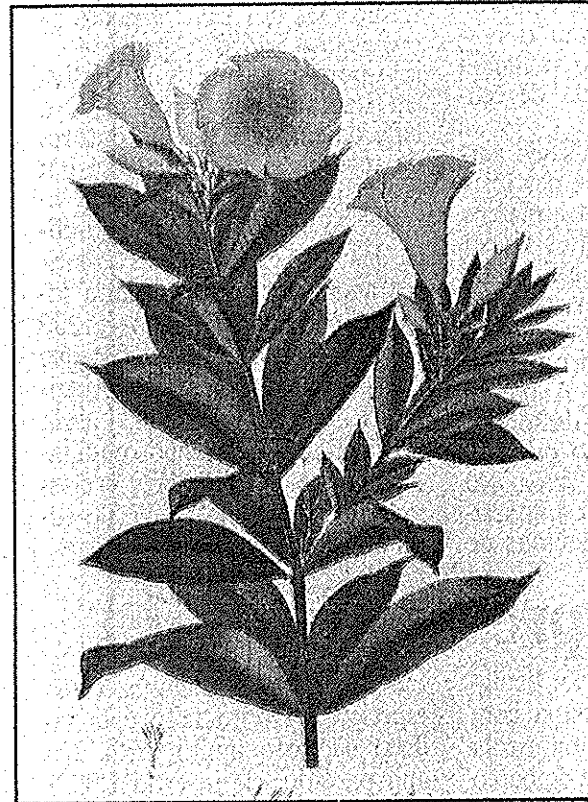
Quando a arquiduquesa austríaca Leopoldina, primeira imperatriz do Brasil, deixou Viena para se casar no Rio de Janeiro com D. Pedro I, trouxe uma comitiva de cientistas escolhidos a dedo por seu pai, Francisco I, imperador da Áustria, grande amigo das Ciências Naturais. Entre eles estava o médico, mineralogista, botânico e zoólogo checo Jojann Baptiste Pohl, autor de algumas das mais primorosas estampas jamais feitas sobre a flora brasileira.

Nascido na Boêmia em 1817, Pohl dedicou 17 anos de sua vida ao estudo dos quatro mil exemplares de plantas colhidos em viagens ao interior do país. Uma seleção das mais belas estampas que ilustram o primeiro tomo do livro *Plantarum Brasiliae — Icones et Descriptiones Hactenus Ineditae* vem agora a público em reedição coordenada pelo Museu Goeldi, de Belém, com patrocínio da Jari Celulose.

O real navio de guerra português *São Sebastião* aportou no Rio de Janeiro dia 4 de novembro de 1817 trazendo a arquiduquesa e sua comitiva. Mal haviam terminado as bodas imperiais, Pohl já se embrenhou na



Estampa de uma 'Manihot porrecta'



Estampa da 'Allamanda Schottii'

Mata Atlântica: foi até Angra dos Reis por terra, passando por Santa Cruz e Mangaratiba. O material desta curta expedição foi levado para Viena por uma parte da comitiva que já voltava à Áustria. Fazia parte deste grupo o famoso pintor de paisagens Thomas Ender, autor de belos óleos retratando o Rio Antigo.

Mas Pohl não parou quieto. Viajou durante três anos pelas capitâneas do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás. Partiu em setembro de 1818 e voltou em fevereiro de 1821 com 11 caixas de material, principalmente plantas e pedras. Voltou para Viena levando cerca de 200 animais e quase 1.600 espécies de plantas cultivadas. Durante os 13 anos seguintes, já como chefe do departamento botânico-mineralógico do recém fundado *Brasilianisches Museum*, em Viena, Pohl organizou e classificou todo este material e documentou suas experiências científicas no Brasil. Ao longo de quatro anos — de 1827 a 1831 — publicou vários tomos do *Plantarum Brasiliae*, cada um deles ilustrado com 24 estampas a bico de pena.

Maravilhados com a variedade tropical, Pohl e seus contemporâneos alemães Spix e Von Martius não mediram esforços diante das dificuldades, incluindo doenças, para transformar seus achados científicos em obras de inestimável valor. Nesses tempos de destruição sistemática de uma das mais ricas biodiversidades do planeta, os feitos dos naturalistas do século passado são de tirar o chapéu e devem servir como exemplo.